



AGROFAMILIAR: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS E SEMEANDO A AGROECOLOGIA

Agrofamiliar: building knowledge and sowing agroecology

Andrade H. M. L. S.^{1,2,6}; Santos A. C. S.⁵; Nunes A. P. R.^{1,2,7}; Santos B. A. C. S.^{1,2,8}; Silva E. M. S.⁵; Oliveira F. E. F.^{2,9}; Araújo E. M.^{4,10}; Borges J. M.^{2,11}; Silva J. L.⁵; Santos L. A. O.^{1,2,12}; Pinheiro L. H. S.^{1,2,13}; Oliveira L. M.^{3,14}; Silva M. S. L.⁵; Anjos M. M. S.^{1,2,15}; Silva P. C. C.⁵; Balensifer P. H. M.^{4,16}; Bezerra R. C.^{4,17}; Molica R. J. R.^{2,18} e Andrade L. P.^{1,2,19}

¹ Agrofamiliar;

² UAG/UFRPE;

³ FETAPE;

⁴ IPA;

⁵ Agricultor(a);

⁶ E-mail: horasaa@gmail.com

⁷ E-mail: apnunes12@live.com

⁸ E-mail: betaniaacsantos@hotmail.com

⁹ E-mail: felipe130188@gmail.com

¹⁰ E-mail: euda.araujo@ipa.br

¹¹ E-mail: jonas_borges1@hotmail.com

¹² E-mail: lucas--augusto@hotmail.com

¹³ E-mail: lucaspinheiro2304@gmail.com

¹⁴ E-mail: pologaranhuns@fetape.org.br

¹⁵ E-mail: mario.melquiades@live.com

¹⁶ E-mail: pedro.balensifer@ipa.br

¹⁷ E-mail: sertoabiodinamico@yahoo.com.br

¹⁸ E-mail: renato.molica@ufrpe.br

¹⁹ E-mail: lucianopandrade@gmail.com

Recebido em:
15/08/2017

Aceito para publicação em:
21/02/2018

Correspondência para:
horasaa@gmail.com

RESUMO

Sistematizar é comunicar uma trajetória analisada sob diferentes olhares e vários campos de observação-reflexão. Esta narrativa reflete a trajetória do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Centro Vocacional Tecnológico, denominado Agrofamiliar, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns e suas contribuições na construção do conhecimento agroecológico no território. No processo de sistematização, a equipe do Agrofamiliar participou de oficinas e seminários sobre sistematização de experiências. A partir da definição do plano e do eixo de sistematização, a equipe fez uso de metodologias e ferramentas participativas, visitas, oficinas e dados secundários produzidos. O Agrofamiliar tem contribuído com a construção do conhecimento e transição agroecológica no território junto com os parceiros, corroborando com o fortalecimento da agroecologia enquanto ciência, movimento e prática nas universidades e outras instituições.

Palavras-chave: Conhecimento Agroecológico; Extensão Inovadora; Sistematização; Transição Agroecológica.

ABSTRACT

To systematize is to communicate a trajectory analyzed under different looks and various fields of observation-reflection. This narrative reflects the trajectory of Studies, Research and Extension in Agroecology Center and Technological Vocational Center, denominated Agrofamiliar, of the Federal Rural University of Pernambuco, Academic Unit of Garanhuns and its contributions in the construction of agroecological knowledge in the territory. In the process of systematization, the Agrofamiliar team participated in workshops and seminars on systematization of experiences. From the definition of the plan and the axis of systematization, the team made use of methodologies and participatory tools, visits, workshops and secondary data produced. Agrofamiliar has contributed to the construction of knowledge and agroecological transition in the territory along with the partners, corroborating with the strengthening of agroecology as a science, movement and practice in universities and other institutions.

Keywords: Agroecological Knowledge; Innovative Extension; Systematization; Agroecological Transition.

Conhecendo o Agrofamiliar

O Agrofamiliar é um Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) e um Centro Vocacional Tecnológico (CVT) que já vem atuando há oito anos dentro da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG), no agreste meridional de Pernambuco. É formado por docentes, discentes, técnicos(as), agricultores(as) e interessados(as) em Agroecologia. Tem como eixos de atuação voltados à Agroecologia: Grupo de Estudos; Apoio aos processos de transição agroecológica; Participação e promoção de eventos; e Fortalecimento intra e interinstitucional.

Desta forma, vem contribuindo no fortalecimento da agricultura familiar e camponesa, no apoio aos processos de transição e adoção de sistemas de produção agroecológicos. Além de favorecer o empoderamento dos agricultores e a inserção destes em políticas públicas, na construção do conhecimento agroecológico e na promoção de processos participativos de desenvolvimento local na perspectiva da sustentabilidade.

Seu início foi em 2009, como Grupo de Estudos em Agroecologia, tornando-se, depois, o Núcleo de Estudos em Agroecologia (2010) e o Centro Vocacional Tecnológico (2013), ampliando seu campo de atuação nos mais diversos contextos da Agroecologia. Desde sua origem, vem realizando ações e atividades em parceria com outras instituições e organizações do território com o objetivo comum de “desenvolver projetos em Agroecologia na região para incentivar processos de transição e adoção de práticas de agriculturas de base ecológica”.

A caminhada do Agrofamiliar, junto com outras instituições na busca pelo conhecimento em Agroecologia e processos de transição, reporta a uma trajetória na qual a sistematização pode ajudar a focar o olhar para dentro e para fora do “seu fazer”, possibilitando refletir sobre uma caminhada de desafios, conquistas e avanços ao longo destes anos e contar um pouco da sua história. Foi pensando em escrever parte desta história, construída a muitas mãos e em vários momentos de aprendizagem, que juntamos agricultores e agricultoras do início do projeto e atuais, docentes, discentes/estagiários(as) antigos(as) e novos(as), técnicos(as) de extensão rural, representantes de organizações sindicais para revisitar a trajetória do Núcleo e dividir conosco o desafio da Sistematização.

Para nós do Agrofamiliar, o contato com a metodologia de sistematização se deu a partir das oficinas e seminários promovidos pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA), em Olinda, no Seminário Regional Nordeste de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia, em 2016. Assim como em Garanhuns, no IV Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco e I Seminário Estadual Renda (2016), além da Oficina do Projeto de Sistematização de Experiências - ABA (2017). Foram nestes encontros que dividiram conosco a experiência do que é sistematizar, nos desafiando a aprender mais e vivenciar esta metodologia, refletindo sobre a trajetória dos Núcleos de Agroecologia.

Na busca por conhecer mais sobre sistematização, sentíamos que (re)construíamos nossa concepção e prática. Então, de repente já estávamos envolvidos como um dos Núcleos do Nordeste que participaria do Projeto de Sistematização de Experiências, da ABA. Desse modo, partimos para viver o processo! Em fevereiro de 2017, participamos da primeira Oficina. Nela, definimos um plano de trabalho, objetivos, metodologias e fizemos perguntas a nossa própria experiência. Posteriormente, em meio a uma tempestade de ideias, discussões, chegamos a um eixo para refletir nossa atuação: “A construção coletiva de conhecimentos: o Agrofamiliar no processo de transição agroecológica no agreste meridional de Pernambuco”. É sobre este eixo que vamos dialogar a partir de agora.

Reconstrução histórica

Em agosto de 2008, em um processo de interiorização, chega ao agreste meridional de Pernambuco, na UAG-UFRPE, primeira expansão das universidades públicas no país, um grupo de docentes com formações e experiências distintas. Nesse período era tudo muito novo e pouco conhecido para eles: o território do agreste meridional, a Unidade Acadêmica, as pessoas, etc.

Em 2009, alguns destes docentes protagonizaram, junto com os técnicos do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) e discentes, a realização das oficinas de Estudos e Avaliação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), além de participarem da Rede de Educação Cidadã (RECID). Dessa forma, resolveram iniciar com estudantes e técnicos(as) de outras instituições um Grupo de Estudos em Agroecologia, que se reunia toda sexta-feira e era aberto para participação de outras pessoas, inclusive agricultores(as). A intenção era estudar para melhor compreender a Agroecologia e contribuir no desenvolvimento do território, principalmente na mudança de um cenário no qual predominavam as práticas de agricultura convencional.

Nos encontros que se seguiram, partimos para elaborar um planejamento participativo, em que já deixávamos claros os nossos eixos de atuação, só não pensávamos no fortalecimento intra e interinstitucional. Em um destes encontros foi dado o nome de Agrofamiliar ao Grupo de Estudos e começamos as parcerias entre o Grupo de Estudos Agrofamiliar, o IPA, o Programa Estadual de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável (PRORURAL) e a Rede RECID, decidindo, então, em uma reunião na RECID, que realizaríamos um trabalho em conjunto no município de Jupi-Pernambuco.

Como ação do Grupo de Estudos em Agroecologia- Agrofamiliar, fizemos o primeiro projeto de extensão no município: o EDUCOAGRO - Educação Cooperativa e Agroecológica (Edital BExt, 2009). Questionávamos sobre a identidade de campo das escolas municipais e como a agricultura poderia ser parte dos projetos e processos educativos. Como culminância aconteceu o I Fórum de Agroecologia e Educação do Campo do Agreste de Pernambuco, com a participação dos discentes, docentes, famílias, agricultores(as) e gestores(as) das vinte e sete escolas envolvidas, além dos parceiros.

Neste fórum, foi feita uma carta de intenções com ações a serem encaminhadas, como a elaboração de projetos para apoiar a agricultura familiar na região. Assim, o Agrofamiliar encaminhou ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Edital 033/2009 MCT/CNPq/MDA/SAF/Dater - junto ao IPA, ao PRORURAL, à RECID e ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Jupi (STRs) um projeto de pesquisa intitulado “EDUCOAGRO - educação agroecológica: perspectiva de reconversão de práticas convencionais para práticas agroecológicas com agricultores familiares e escolas rurais no Município de Jupi, Pernambuco, Brasil” (chamávamos EDUCOAGRO II). Nesta época, nossos conceitos e referenciais em Agroecologia eram construídos a partir do Grupo de Estudos, dos eventos que participávamos como, por exemplo, o Seminário em Agroecologia da UFRPE e o VI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), em 2009, bem como na realização dos projetos, como o EDUCOAGRO I e II, o Projovem Campo Saberes da Terra e as Oficinas de PNATER.

Com o EDUCOAGRO II aprovado e financiado pelo CNPq, tivemos um momento de muita aprendizagem. Lidávamos com Educação do Campo, Associativismo, Sistemas de Produção Agroecológica, Políticas Públicas e Transição Agroecológica. Trabalhamos os conceitos de Agroecologia, fizemos redesenhos das propriedades, intercâmbios, oficinas de práticas agroecológicas, implantamos hortas, quintais agroflorestais, entre outros. Dizíamos que atuávamos em três frentes de trabalho: o Produtivo (transição agroecológica), o Educativo (formação em Agroecologia) e a inserção dos agricultores e agricultoras em políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Foi, também, um momento desafiador de afirmação e de colocar em prática nossas concepções e abordagens envolvendo os princípios da Agroecologia, do planejamento participativo, da Educação Popular, a visão sociointeracionista, as metodologias participativas, a pesquisa-ação e o que pensávamos sobre sistematização.

Pensávamos em sistematizar, principalmente, o processo que estávamos vivenciando no projeto, visando o acompanhamento e (re)planejamento das atividades, gerando conhecimentos a serem construídos e socializados. Estas ideias corroboram com Holiday (2006) na perspectiva de que sistematizar é um ato de comunicar, mas de forma reflexiva. Tínhamos em mente que estávamos atuando e contribuindo para uma extensão rural transformadora, por isso pensávamos em planejar conjuntamente com os envolvidos e envolvidas, registrar o processo, comunicar, realizar eventos, dentre outros.

Assim, para comunicar o que fazíamos, produzimos cartilha, vídeos e usávamos mídias alternativas. Organizamos, em 2010, o I Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco e o II Fórum de Agroecologia e Educação do Campo, junto aos parceiros já estabelecidos e aos movimentos sociais e sindicais (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST; Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste-MMTR-NE; Federação dos Trabalhadores Rurais e Agricultores(as) Familiares do Estado de Pernambuco- FETAPE).

Em 2010, com o lançamento do Edital MDA/SAF/CNPq nº 58/2010 para apoio à formação de Núcleos de Agroecologia, consideramos que o Grupo de Estudos já atuava como Núcleo e o edital seria uma oportunidade de apoio às atividades que vinham se desenvolvendo. Enviamos e aprovamos dois projetos: um de implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) e outro de formação do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Agricultura Familiar e Camponesa - o AGROFAMILIAR.

Estes projetos permitiram que atuássemos para além de Jupi, abrangendo outros municípios do agreste, realizando ações em conjunto com os STR's, Conselhos de Desenvolvimento Rural, PRORURAL, IPA e algumas prefeituras locais, ampliando nossas ações e atividades no território, bem como as parcerias. Na implantação dos SAFs, trabalhávamos em um plano teórico e prático, e tivemos o apoio da Fundação Bradesco, prefeitura de Garanhuns e Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa) em Bonito-PE na aquisição das mudas.

Como em outros territórios, a atuação da universidade junto aos(as) agricultores(as) e o trabalho com Agroecologia não eram uma prática comum. Nesse sentido, as aprendizagens no projeto EDUCOAGRO, as relações e parcerias estabelecidas com os sindicatos, as lideranças dos Conselhos, técnicos do IPA e PRORURAL foram fundamentais para diminuir a distância e facilitar o diálogo entre nós, os agricultores e agricultoras na região do agreste meridional. Neste período implantaram-se SAFs em Jupi, Palmerina, Garanhuns, Correntes e Angelim.

Com o desafio de dois projetos acontecendo ao mesmo tempo, realizamos um planejamento participativo e estratégico de como seria a organização e o funcionamento do Núcleo Agrofamiliar. Decidimos que o Núcleo seria o projeto guarda-chuva que abrigaria outros projetos, dentro das áreas: Transição Agroecológica; Beneficiamento; Gestão e Cooperativismo; Meio Ambiente e Conservação; e Educação do Campo. Pensamos ainda na sua identidade visual e em algumas estratégias de comunicação.

Para divulgar os resultados dos nossos trabalhos, as atividades em andamento e concluídas, assim como as mudanças no cenário da agricultura familiar, elaboramos e divulgamos folders, blog, site e um jornal eletrônico. Também organizamos o I Encontro de Socialização de Resultados e Experiências do Agrofamiliar e começamos a nos representar em eventos e espaços de discussão sobre a Agricultura Familiar. Além disso, socializávamos nossa experiência em eventos e meios científicos.

Neste período, o Núcleo já começava a ser procurado por pessoas da região e para apoiar os projetos dos parceiros. Dessa maneira participávamos de algumas ações e de Projetos como a Rede Territorial do Feijão e mantínhamos um cuidado para não perder o foco nos eixos de atuação planejados e o Grupo de Estudos em Agroecologia.

Durante a vigência do Projeto (2010 – 2013) os integrantes do Agrofamiliar participaram e realizaram intercâmbios de experiências entre os outros dois Núcleos de Agroecologia da UFRPE: o Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) e o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido (NEPPAS). Discutimos sobre o que fazíamos, como poderíamos fortalecer a Agroecologia na universidade e na sociedade, além do papel estratégico dos Núcleos e da Agroecologia na formação de técnicos(as), discentes e agricultores(as).

O ano de 2012 foi um divisor de águas para o Agrofamiliar pois tivemos uma ameaça de perder o espaço físico de apoio às nossas atividades. Precisamos lutar por outro espaço e fazer uma “ocupação de resistência” na sala coletiva na qual funcionávamos. Resistimos! Ocupamos o espaço! Depois agendamos uma reunião com a Direção Geral e Acadêmica da UAG-UFRPE para apresentar um relatório com um levantamento quantitativo e qualitativo de todas as ações comprometidas com o desenvolvimento local e atividades realizadas pelo Núcleo e parcerias, desde sua criação.

Apresentamos, ainda na ocasião, o argumento de que estávamos inseridos dentro de um plano maior de formação em Agroecologia, no contexto das Políticas Públicas. Foi um momento bastante tenso, mas conseguimos um novo espaço na instituição para realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão, e lá estamos até a presente data.

Mesmo neste período de luta e resistência, não paramos nossas atividades. Realizamos o II Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco, um projeto envolvendo a juventude e agricultores(as) com apoio do STR's de Calçado e chegamos à marca de catorze unidades agroecológicas em propriedades rurais familiares. Estas unidades, atualmente, inclusive, têm contribuído para o conhecimento agroecológico de outros agricultores e agricultoras, discentes e técnicos(as), como destacado durante a Oficina de Sistematização: “No início do Agrofamiliar, fomos visitar agricultores e experiências, hoje outras pessoas vêm conhecer nossas experiências!”.

Em 2013 continuamos o Núcleo e iniciamos o Centro Vocacional em Produção Orgânica e Agroecológica – CVT Agrofamiliar (Chamada 81/2013 MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq) com o compromisso de uma atuação que extrapolaria o cenário local. Queríamos iniciar um trabalho em rede que fortalecesse a Agroecologia. Assim, realizamos uma série de oficinas e cursos, seminários, alguns em parceria com o Centro de Formação em Economia Solidária (CFES-NE), a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (INCUBACOOP-UFRPE), a RENDA e outras organizações. Incentivamos uma articulação de uma Rede Territorial de Agroecologia no Agreste Meridional e apoiamos a iniciativa de uma Rede em Agroecologia em Pernambuco, organizamos, junto com Associações e Cooperativas, a Feira da Agricultura Familiar e Agroecológica de Garanhuns, promovemos encontros dos Núcleos de Agroecologia em 2014 e 2016 no III e IV Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco e I Seminário Estadual RENDA. Realizamos Cursos Presenciais e à Distância - EAD e ousamos fazendo um mapeamento das experiências agroecológicas na região, além de uma série de programas de rádio sobre práticas agroecológicas.

Atualmente, após oito anos de estrada, resolvemos ousar mais uma vez e pensar em ampliar as nossas ações para as pós-graduações. Elaboramos e aprovamos um projeto de especialização em Agroecologia e Beneficiamento da Produção Rural Familiar pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra/Ministério da Casa Civil) e celebramos um convênio de cooperação técnica com a Universidade de Vigo, na Espanha e com o Instituto Politécnico de Coimbra, em Portugal. Ademais, estamos elaborando um curso de mestrado acadêmico, tendo a Agroecologia como uma das linhas de pesquisa.

Neste processo de construção coletiva de conhecimentos agroecológicos outras instituições e movimentos sociais têm se somado ao Agrofamiliar nos desafios de semear a Agroecologia no Agreste e para além dele, como a Cáritas Diocesana de Pesqueira, o Instituto Raízes, o Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e outros. Juntos, antigos e novos parceiros, vamos aprendendo, sonhando, planejando e realizando, como vem acontecendo na realização dos Encontros de Agroecologia e como ocorreu na I Caravana Agroecológica e Cultural do Agreste de Pernambuco, que nos desafiamos junto com a RENDA. É desta forma que construímos coletivamente conhecimentos em Agroecologia, como comentado por um participante da Oficina: “(...) a importância das parcerias está em a Agroecologia ser construída a partir das relações com o território”.

Voltar no tempo e revisitar coletivamente nossa caminhada nos fez perceber o quanto amadurecemos e avançamos na construção do conhecimento agroecológico, a quantidade de ações, projetos e atividades que participamos e fazemos, além de como estamos inseridos nos mais diversos e complexos contextos em que a Agroecologia acontece. Hoje temos, inclusive, contribuído nas construções e realizações dos parceiros, como no apoio ao projeto e ao planejamento para a formação de um Núcleo de Agroecologia no IPA - o Grupo de Estudos, Sistematização e Metodologia em Agroecologia (GEMA), na participação e incentivo para a I Feira de Troca de Sementes Crioulas do Agreste Meridional, ocorrida no III Encontro de Agroecologia e na constituição da Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional (Rede SEMEAM).

Acreditávamos que nossa identidade mais forte era a transição agroecológica enquanto mudanças de práticas de agriculturas convencionais para as de base ecológicas. Porém, analisando o quadro feito pela ABA (Quadro 1) e o comentário de um dos participantes da Oficina de Sistematização sobre a atuação do Agrofamiliar, nos chamou bastante atenção a amplitude de nossa atuação: “Não se trata de restringir a formação apenas ao campo do produtivo, mas sim de vivências que extrapolam (...). Abordam o feminismo, abordam a juventude (...). Nós do Agrofamiliar vamos conhecer, vamos experimentar e talvez a linha do tempo tenha ajudado a entender um pouco isso (...)”.

Princípios e elementos transversais que aparecem como princípios do trabalho do NEA Agrofamiliar (tarjetas que margeiam a história):

Troca de Saberes e Experiências

Experimentação: testar o novo com base em quem já tem mais experiência

Interdisciplinaridade

Visibilidade do NEA para a Sociedade

Interação entre agricultores

Espaço de Inovação, experimentação, buscar novas alternativas

Proporciona emancipação dos agricultores

Resistência na universidade

Trajetórias de vida dos professores, estudantes e técnicos ligados à agroecologia

Movimentos sociais, sindicatos, sociedade em geral solicitando apoio

Referência vai se construindo no território

Famílias, propriedades e escola

Interação com os movimentos sociais e NEA, enriquecimento mútuo

Influência da Educação Ambiental, Educação Popular

Valorização dos saberes dos agricultores

Articulação com parceiros, proporcionando aprendizagem

Paciência pedagógica

Valorização da identidade da região

Quadro 1 - Princípios e elementos transversais que aparecem no trabalho do NEA Agrofamiliar elaborado a partir da Oficina de Sistematização - ABA (2017).

Caminhos metodológicos

O processo de sistematização mexeu um pouco conosco do Agrofamiliar, causando uma sensação de que iríamos experimentar algo diferente do que fazíamos. Enquanto Equipe de Sistematização, recordamos e debatemos sobre o que aprendemos nas oficinas e seminários, estudamos textos e experiências já sistematizadas, assistimos ao filme “Narradores de Javé”, tendo sempre em mente o eixo definido durante a Oficina de Sistematização para pensarmos nos passos seguintes. Retomamos ao plano e a agenda elaborada, escolhemos as metodologias e ferramentas que iríamos usar e o que queríamos com cada uma delas.

Definimos pelo uso da metodologia e ferramentas participativas no processo de sistematização do Agrofamiliar e para realizar as oficinas com a intenção de gerar diálogos a partir do eixo, experiências e trajetória do Núcleo e CVT. Assim, enquanto estratégia metodológica, como forma de vivenciar a Agroecologia, garantimos a análise reflexiva e o uso da conversação e diálogo durante todo o processo (Figuras 1 e 2) que foi planejado considerando as perguntas geradoras: O que entendemos por Conhecimento Agroecológico e Transição Agroecológica? O que fizemos? Onde? Com quem? Quais os desafios encontrados e como foram superados? Como avançamos na construção do Conhecimento Agroecológico na região? E o futuro, o que esperamos?



Figuras 1 e 2. Momentos de registros e reflexões vivenciados na Oficina.
(Fonte: Fig.1 Pinheiro, 2017; Fig. 2 Santos, 2017).

Para assegurar a contribuição de parceiros e pessoas envolvidas com o Núcleo desde o começo, caso não pudessem participar das oficinas, optamos por realizar entrevistas *in loco* e questionários. Como fontes complementares de informações para resgatar as memórias do Agrofamiliar, usamos relatórios, inclusive o da Oficina de Sistematização, artigos escritos e materiais produzidos pelo NEA e CVT.

Decidimos que, além da produção de um texto de sistematização, faríamos um vídeo, mostrando o processo que estamos vivendo e nosso percurso de aprendizagem. Para nós, sistematizar também é um processo de comunicar, de divulgar e de usar diferentes formas de socializar o nosso fazer (HOLIDAY, 2006; BALEM, 2015), alimentando, assim, uma prática nossa, mas reconstruída. Estamos filmando nossas reuniões, as oficinas, as entrevistas e outros. Isso é bem o jeito de ser do Agrofamiliar: abertura para novas aprendizagens e a (re)construção de saberes! A seguir apresentamos alguns dos processos metodológicos que vivenciamos.

A Oficina de Sistematização do Agrofamiliar

Iniciamos com uma tempestade de ideias: O que entendemos por Transição Agroecológica? Conhecimento Agroecológico? Fizemos grupos e socializamos as discussões. No momento seguinte, foram usadas ferramentas adaptadas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), conforme Verdejo (2006), com o objetivo de levantar a atuação do Agrofamiliar, suas atividades e ações e onde eram realizadas, desafios encontrados e como foram superados, além das contribuições promovidas pelo Núcleo e CVT na região. Usamos ferramentas que possibilitassem registros por meio de desenho e escrita a fim de garantir maior participação e usar diferentes linguagens. A seguir apresentamos uma breve descrição da aplicação destas ferramentas.

Mapa da atuação do Núcleo

Pedimos aos participantes para desenhar o que se lembrassem das ações e atividades realizadas pelo Agrofamiliar em um mapa do agreste meridional. Pensamos no desenho por ser uma forma lúdica e, ao mesmo tempo, possibilitar uma boa participação das pessoas na atividade.

Linha de tempo e Calendário de Atuação do Agrofamiliar

Teve como objetivo levantar a atuação e contribuições do Agrofamiliar nos processos de transição e construção do conhecimento agroecológico no período de 2009 a 2017. Utilizamos essa ferramenta em dois momentos no processo de sistematização. O primeiro durante a Oficina de Sistematização - ABA, em fevereiro, e nesse momento aprofundar no eixo escolhido de forma reflexiva, crítica e propositiva analisando a atuação do NEA e CVT Agrofamiliar na região. No segundo momento foi proposta a elaboração de um Calendário de Atuação do Núcleo partindo da linha de tempo. O

calendário foi dividido em colunas, em que, na primeira, constava uma divisão de tempo com intervalos de dois anos e as outras colunas com as seguintes perguntas a serem refletidas: O que fizemos? Quais os avanços para a construção do conhecimento agroecológico na região? Desafios encontrados e como foram superados?

Os participantes iriam usar tarjetas para completar este calendário considerando o intervalo de tempo e as perguntas indicadas. Em seguida, dialogamos sobre estas questões e as mudanças causadas na região por meio das atividades do Agrofamiliar e se estas contribuíam para o avanço da Agroecologia no território.

Diagrama de Venn

Queríamos conhecer os parceiros do Agrofamiliar na construção do conhecimento agroecológico na região a partir da percepção dos envolvidos no processo de Sistematização. Para isto apresentamos o Diagrama no qual no centro estava o nome “Agrofamiliar” e, de acordo com a análise feita, eles colocariam mais próximas ou mais distantes do centro as instituições/organizações que estavam envolvidas e construíam conosco a Agroecologia no território.

Mapa da Situação Futura

Depois da conversação e diálogo sobre o Calendário da Atuação, pedimos que observassem o que foi construído e que refletissem a partir do questionamento: E agora, daqui para frente, como vai ser a atuação do Agrofamiliar? A proposta era possibilitar uma reflexão de cenário futuro na perspectiva de atuação do Núcleo, partindo da análise de sua trajetória.

Reflexões

Construções e reconstruções na aprendizagem sobre Sistematização

O processo de sistematização nos fez caminhar sobre uma trajetória de busca e reconstrução. As experiências de sistematização sempre estiveram presentes na história do Núcleo, desde o início de sua atuação. Registrávamos mais por fotos e vídeos e pensávamos em sistematização enquanto produto de uma experiência vivida. Desta forma, no EDUCOAGRO II, fizemos uma cartilha falando sobre o projeto e no I Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco, elaboramos como produtos um vídeo, um relatório final e divulgamos simultaneamente o evento no Facebook. Além disso, escrevemos artigos científicos para eventos, com reflexões sobre nossa atuação. Sistematização, para nós, era um desejo e uma prática pensada desde a elaboração dos projetos, porém nem sempre conseguíamos fazê-la. Era um desafio e um ponto de fragilidade na ação do grupo.

A partir do momento em que participamos de encontros e eventos junto a outras organizações e quando a ABA e a RENDA começaram uma provocação sobre o que é sistematização e como utilizá-la enquanto metodologia de trabalhos para os Núcleos e como estratégia para fortalecimento da Agroecologia, nos sentimos desafiados a aprender, a buscar e aprofundar nossos conhecimentos. Participar da oficina que aconteceu durante o IV Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco já nos colocou “uma pulga atrás da orelha”, nos causou um “desequilíbrio” em relação ao que pensávamos e fazíamos como sistematização. Sentimos que precisávamos registrar mais os processos no momento em que eles acontecem, refletir e sistematizar mais sobre nossa própria experiência. O segundo momento de “desequilíbrio” foi quando, a partir de nossa participação no Seminário de Sistematização de Experiências, saímos com a tarefa de sistematizar nossa experiência. Sabíamos da relevância e contribuição da nossa trajetória no cenário da Agroecologia, mas não imaginávamos o desafio que iríamos enfrentar.

Voltando do Seminário, contar a notícia para a equipe do Agrofamiliar foi gratificante e desafiador. Gratificante por acreditarmos que a divulgação de nossa experiência seria significativa,

relevante e que poderia contribuir com as políticas públicas de fortalecimento da Agroecologia e manutenção dos NEAs e CVTs, mesmo em tempo de incertezas no cenário político atual do país. Ao mesmo tempo desafiador, pois iríamos colocar em prática aquilo que ainda estávamos buscando aprender e nossa equipe estava reduzida. Tranquilizávamo-nos ao saber que teríamos um momento de formação pela ABA e que iríamos aprender com e no processo.

Iniciando a Sistematização no Agrofamiliar – O momento da ABA conosco

Entre o que buscávamos aprender e iniciar a experiência de sistematizar, parecia um longo tempo, mas, de repente, chegou o momento da Oficina de Sistematização da ABA aqui na UAG-UFRPE. Foi um momento de muita aprendizagem e já iniciávamos ali nosso trabalho, bem como um plano de sistematização. Pudemos fazer um mergulho no tempo e reencontrar agricultores(as), parceiros e ex-discentes/estagiários(as) que passaram pelo Núcleo. Foram relevantes à (re)construção de ideias e diálogos que iam acontecendo a partir das atividades e fatos apresentados, que não lembrávamos mais e foram reavivados na memória. Ademais, durante a metodologia da Linha de Tempo, nos deparamos com o início da atuação do Agrofamiliar, como um Grupo de Estudos e depois vimos a amplitude das ações e parcerias envolvidas. Uma das falas dos participantes nos chamou atenção: “Vocês, quando começaram, imaginaram que aconteceria tudo isto?”.

Talvez aquele tenha sido um dos momentos mais reflexivos na oficina: perceber o quanto se caminhou ao longo dos anos, as aprendizagens adquiridas com o processo e que hoje estarmos envolvidos com tanta coisa! Com políticas públicas, processos de formação, eventos científicos, feiras agroecológicas, acompanhamento de outro Núcleo de Agroecologia, incubadora, redes, pós-graduações, caravana agroecológica, entre outros. Tivemos a certeza que não só contribuíamos, mas estávamos envolvidos nos desafios da construção social e coletiva do conhecimento agroecológico na região e para além dela.

Reflexões sobre a construção coletiva de conhecimentos

Durante as oficinas, principalmente na Linha de Tempo e Calendário de Atuação, percebemos que a construção de conhecimentos no Agrofamiliar é feita a partir das construções com os sujeitos no território e que as atividades e ações realizadas reforçam isso. Na vivência dessa atividade, nos chamaram atenção alguns depoimentos:

“(...) fiquei meio com pé atrás no começo mas resolvi acreditar já que a universidade estava procurando os agricultores e o presidente do Sindicato tinha falado pra gente do projeto na reunião do Conselho... aí resolvemos experimentar e ainda continuamos. E deixamos de usar veneno e implantamos mais coisas na propriedade: a horta, o quintal perto de casa... E hoje recebemos muita gente para ver o que fizemos lá em casa, vem até gente de fora (...)”
“Esse nome de Agroecologia a gente veio aprender depois que a universidade começou a trabalhar aqui na região!”

A trajetória do Agrofamiliar nos faz perceber a consolidação e fortalecimento do Núcleo e CVT, tornando-se referências dentro e fora da Universidade. A construção da Linha de Tempo e Calendário de Atuação revelavam que o que havia sido planejado se concretizava, mostrava-se uma identidade na qual se reafirmavam os objetivos e eixos de atuação, princípios de trabalho e, sobretudo, se enfatizavam um diálogo e uma construção coletiva da Agroecologia no Território.

Nesta perspectiva de construção do conhecimento agroecológico, os Encontros de Agroecologia que vêm ocorrendo desde 2010, a cada dois anos, se mostraram como uma das atividades mais lembradas pelos participantes, juntamente com a Feira Agroecológica e da Agricultura Familiar que vem acontecendo desde 2014. Estas atividades vêm se constituindo como espaços de troca e

partilha de saberes, de práticas e experiências entre diferentes sujeitos e, desta forma, vêm gerando movimento em torno da Agroecologia.

Lições com o processo de sistematização sobre nossa própria experiência

Uma das grandes lições que aprendemos com a Sistematização foi o reforço do quanto é importante construirmos juntos, em parcerias. Nossas primeiras parcerias com técnicos(as) do IPA e PRORURAL, assim como a aproximação com as redes e os movimentos sindicais e sociais na região, proporcionaram uma atuação que influenciou a nossa forma de agir, a concepção e prática de Extensão Rural e as Políticas Públicas no território. O Diagrama de Venn reafirmou, inclusive, nossas parcerias e mostrou a dinâmica de como ocorrem, sendo ora mais próximas e fortalecidas ora necessitando reaproximações.

O fato do NEA e CVT Agrofamiliar possuírem uma identidade clara do campo de atuação discutida com seus membros fundadores mostra que as ações de hoje, consolidam o planejamento inicial e facilitam o caminhar e fazer agroecológicos. Nesse sentido, na sistematização percebemos que sempre estivemos atrelados aos objetivos iniciais e que, ao longo do tempo, a atuação e as demandas aumentaram muito! Hoje nosso fazer não é só local, extrapola o território. As atividades em redes, a socialização da experiência do Núcleo e CVT, a ação em torno das Políticas Públicas e fortalecimento da própria Agroecologia enquanto movimento nos levam um bom tempo de dedicação e trabalho.

A reafirmação de nossas bases e opções que orientam nosso fazer, nossa práxis

Vivenciar as oficinas de sistematização reforçou em nós que as metodologias participativas e o diálogo com a Educação Popular são referenciais que não podemos perder em nossas práticas. É um desafio no qual devemos ter a paciência pedagógica e ficarmos atentos para estudar com as equipes do NEA e CVT.

O fazer do Agrofamiliar sempre teve um agir prático-teórico. Trabalhamos a Agroecologia enquanto Ciência que apoia os processos de transição agroecológica e o desenvolvimento rural na perspectiva da sustentabilidade (GLIESSMAN, 2000; CAPORAL e COSTABEBER, 2009; ALTIERI, 2012). Porém, já sentíamos que estávamos atuando em outras frentes e a oficina nos fez enxergar que, atualmente, fazemos mais do que acreditávamos que era a nossa intenção inicial de “promover formas de agriculturas sustentáveis estimulando as mudanças de práticas de agriculturas convencionais para agroecológicas”.

Nossos referenciais sobre Agroecologia se baseavam nos estudos de Gliessman, (2000); Altieri (2004), Caporal e Costabeber (2004) e na PNATER (2004). Hoje ainda temos estas referências, mas sentimos a necessidade de incorporar outras leituras. Temos uma visão atual da Agroecologia enquanto Ciência, Movimento e Prática em que a transição agroecológica está no apoio ao desenvolvimento com ênfase na sustentabilidade, na inclusão social com empoderamento dos(as) agricultores(as), na inclusão e valorização dos povos indígenas e quilombolas, das mulheres e jovens do campo, no fortalecimento de políticas públicas e nas práticas de agriculturas sociais e de base ecológica. Desta forma, vemos a Agroecologia como uma ciência em construção que deverá dialogar com várias outras ciências e áreas específicas do conhecimento, a fim de gerar conhecimentos e práticas mais cidadãs e inclusivas para os(as) agricultores(as).

No processo de Sistematização, pudemos perceber a importância do NEA e CVT na formação acadêmica em Agroecologia, pois nesses oito anos já passaram pelo Núcleo e CVT mais de cinquenta estudantes, entre bolsistas e voluntários(as), além de colaboradores(as). Assim, refletimos, da mesma forma, que nós do Agrofamiliar passamos por transição, como comentado: “Transição tem relação com o manejo de agroecossistemas, o antes e o depois com mudanças a partir do que aprendemos, mas tem a ver, também, com as mudanças que passamos na nossa compreensão do que é Agroecologia, do que é construção social do conhecimento, do que é transição agroecológica (...)”.

O Agrofamiliar e o diálogo com as Políticas Públicas em Agroecologia

Rever a atuação do Agrofamiliar permitiu o reconhecimento de que sempre estivemos inseridos nas políticas públicas. Desde 2010 participamos de uma política de formação de Núcleos de Agroecologia no Brasil. Antes disso, na execução do EDUCOAGRO II trabalhávamos no fortalecimento da Agricultura Familiar e Agroecologia, estimulando a inserção dos agricultores em programas de comercialização do Governo (PAA e PNAE) e organização social e coletiva, além de ecoar a Agroecologia dentro e fora da universidade.

Refletindo sobre políticas públicas e nosso campo de atuação, nossa trajetória nos remete ao desenvolvimento rural sustentável e aos processos de transição agroecológica na região, na medida em que incentivamos o resgate e adoção de práticas de agriculturas sociais e sustentáveis por meio do redesenho de agroecossistemas, a conservação da agrobiodiversidade, na troca de sementes crioulas e na formação de uma rede de Sementes Crioulas junto ao IPA e outras instituições/organizações e agricultores(as) na região. Trabalhamos para o empoderamento dos(as) agricultores(as), estimulando suas organizações coletivas e participação em espaços de discussão de políticas públicas como os Conselhos de Desenvolvimento Rural Sustentável. Atuamos na perspectiva de uma Extensão Rural Transformadora e fortalecimento de políticas como a PNATER e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). Nesse sentido, o depoimento de um participante reforça: “(...) o Agrofamiliar influenciou na minha forma de agir, no meu trabalho enquanto extensionista, nos meus projetos de vida e acadêmicos”.

Refletindo sobre a construção social do conhecimento

Pensar em construção do conhecimento agroecológico é (re)pensar e (re)construir conceitos. No início não chamávamos de transição agroecológica, chamávamos de reconversão. Associávamos a construção do conhecimento mais com processos de formação prático-teóricos e chamávamos isso de pensamento agroecológico. Fomos avançando na construção e reconstrução destes conceitos com os intercâmbios com outros Núcleos, a participação em eventos, estudos no Grupo, bem como com o apoio e incentivo aos projetos por meio de editais e chamadas públicas.

Hoje percebemos que, pelos trabalhos e ações desenvolvidas, somos mais reconhecidos no território, pelos(as) agricultores(as), por outros NEAs, movimentos sociais e sindicais, ONGs que trabalham com Agroecologia e, inclusive, dentro da própria universidade. Temos contribuído na formação de discentes, técnicos técnicas e docentes, agricultores e agricultoras e outras pessoas na territorialidade. Vemo-nos como “rodando a roda da Agroecologia”, movimentando a região, procurando e sendo procurados por antigos e novos parceiros, estudantes, técnicos e técnicas, professores e professoras, agricultores e agricultoras, pela sociedade.

Na realização da Oficina de Sistematização, alguns depoimentos enfatizaram o quanto é importante desenvolver uma aprendizagem pela interação e troca de saberes com empoderamento da população rural e o quanto nós envolvidos com o processo passamos também por transição, como evidenciado:

“Agroecologia é uma forma de fazer agricultura diferente, respeitando o ambiente... e é importante falar de conhecimento e de transição porque o conhecimento é o da universidade, mas é também o nosso... a gente aprende muito com a universidade, mas o pessoal da universidade também aprende com a gente”.

“A transição agroecológica que falamos tanto, aconteceu não só nos sítios dos agricultores, mas na unidade acadêmica da UFRPE, nos estudantes, nos professores, nos técnicos. Os aprendizados foram de todos e as transições e os conhecimentos são muitos”.

“Para saber o que é Agroecologia é só ir ao sítio lá em casa!”

“É trazer conhecimento do campo para a cidade e da cidade para o campo... pra mim isso é transição! É valorizar o conhecimento do agricultor e também o da universidade, isso é agroecológico”.

Para nós do Agrofamiliar os processos de aprendizagem coletivos e participativos alicerçados no diálogo, valorização e partilha de saberes têm se mostrado como bases para ir se construindo o

Conhecimento Agroecológico e Transição Agroecológica nos territórios. Isso vem acontecendo nas experimentações e vivências no campo, considerando toda a sua complexidade, nas propriedades dos(as) agricultores(as), nos cursos, seminários e encontros em torno de Agroecologia, nos projetos realizados, na continuidade do Grupo de Estudos e, principalmente, nas discussões e reflexão-ação sobre a nossa atuação na região, hoje muito mais articulada e fortalecida pelas parcerias.

Lições aprendidas - Considerações finais

A sistematização nos permite olhar para trás na nossa história e para o futuro, não só desejado, mas também o concretamente construído. Permite, ainda, aprofundar a compreensão sobre o conhecimento agroecológico a partir da ressignificação do que é ensino, pesquisa e extensão em Agroecologia, das articulações e parcerias no território, assim como o estímulo e a garantia das políticas públicas. Permite enxergar a contribuição do Agrofamiliar no fortalecimento e construção coletiva do Conhecimento Agroecológico e processos de Transição Agroecológica no território e para além dele nos diferentes contextos em que a Agroecologia acontece. Esta trajetória foi construída, desde seu início, por diferentes atores e instituições, em um processo de parceria muito forte que se amplia.

Acreditamos ser importante e indispensável continuar o trabalho de reflexão-ação sobre o nosso fazer e, sobretudo, registrar o que vivenciamos em torno da Agroecologia, sistematizando nossa experiência e estimulando a divulgação em outros meios e linguagens. Dessa forma, nos somar aos outros Núcleos e CVTs e ecoar a Agroecologia enquanto Ciência, Movimento e Prática. Estar disposto a aprender e a reconstruir o nosso fazer é a nossa principal aprendizagem: Buscar e ousar! A sistematização nessa perspectiva, como metodologia e instrumento de comunicação, contribui para o fortalecimento dos NEAs, CVTs e Redes de NEAs, também para manutenção e a ampliação de políticas de fomento a estas iniciativas.

Discutir coletivamente e pensarmos o daqui para frente, o que vamos fazer para continuar contribuindo na construção do conhecimento e no processo de Transição Agroecológica na região, e para além dela, é um desafio que estamos dispostos a assumir! Assim, pensamos em continuar estimulando a adoção de agriculturas sustentáveis, a participação acadêmica, eventos e feiras agroecológicas, institucionalizar o Agrofamiliar, planejar uma agenda de ações junto aos parceiros, em Rede. Ademais, continuar promovendo a Agroecologia por meio de seminários, cursos presenciais e EAD, elaborar materiais educativos e vivenciar outros processos de Sistematização, mantendo o “fazer juntos”, em parceria, e o diálogo no território.

O processo de Sistematização vivido nos mostrou como estratégia que contribui para a construção da Ciência em outra perspectiva, social, humana, política, inclusiva e integralizadora, na qual há a valorização de diferentes saberes.

Agradecimentos

Agradecemos à ABA, à RENDA- NE e à Ana Dubeux pelas oportunidades, incentivos e aprendizagens compartilhadas, bem como aos participantes das oficinas que dividiram conosco o desafio de viver este processo de sistematização.

Referências

- ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Miguel Altieri. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 110 p
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 400 p.
- BALEM, T. A. **Sistematização de experiências em fruticultura**. Santa Maria: Colégio Politécnico da UFSM, 2015. 62 p. Disponível: <http://estudio01.proj.ufsm.br/cadernos_fruticultura/quarta_etapa/sistematizacao_experiencias_fruticultura.pdf> . Acesso em: 19 jun. 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), Grupo de Trabalho Ater. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. 2004.

CAPORAL F.R; COSTABEBER J.A **Agroecologia e Extensão rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural. Porto Alegre (RS). 2004. 155p

CAPORAL F. R. (Org.); COSTABEBER, J. A; PAULUS, G. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília: [s. l.], 2009. 110 p. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Agroecologiaumacienciadocampodacomplexidade.pdf>.

Acesso em: 20 jun. 2017.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 654 p.

HOLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006. 128 p. (Série Monitoramento e avaliação; 2). Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA/ Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p. Disponível em:<http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Guia_DRP_Parte_1.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.
